



ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1

jan-jul.2025

p. 245-262

Bissexualidade e não monogamia: contestação à monossexualidade heteronormativa

(Bisexuality and non-monogamy: contesting heteronormative monosexuality)

(Bisexualidad y no monogamia: cuestionando la monosexualidad heteronormativa)

Alice dos Santos Silva¹
Kaippe Arnon Silva Reis²
Arthur Fiel³

RESUMO: Partindo das construções sobre a bissexualidade, a respeito de como essa orientação sexual e/ou romântica é, com frequência, associada a valores e a comportamentos vistos como negativos, especialmente a sua vinculação com a promiscuidade, práticas sexuais excessivas e infidelidade, neste *paper*, buscamos desenvolver, sob uma perspectiva teórica, e de forma preliminar, uma articulação entre a monossexualidade e a monogamia, ambas atuando como normas reguladoras dos relacionamentos e dos afetos na contemporaneidade. Para tal, optamos por uma pesquisa qualitativa e exploratória que se realiza por meio do arcabouço da teoria crítica e dos estudos de gênero. Ao final do percurso de elaboração teórica, nota-se a centralidade de uma estrutura monossexista e monogâmica que se fortalece por meio da moralidade e das classificações compulsórias das identidades e dos desejos, influenciando de forma similar a vivência bissexual e a vivência não monogâmica.

PALAVRAS-CHAVE: bissexualidade; não monogamia; monossexualidade normativa.

Abstract: Starting from the constructions about bisexuality, regarding how this sexual and/or romantic orientation is often associated with values and behaviors seen as negative, especially its link with promiscuity, excessive sexual practices and infidelity, in this paper, we seek to develop, from a theoretical perspective, and in a preliminary way, an articulation between monosexuality and monogamy, both acting as a regulatory norm for relationships and affections in contemporary times. To this end, we opted for qualitative and exploratory research carried out through the framework of critical theory and gender studies. At the end of the theoretical elaboration path, we note the centrality of a monosexist and monogamous structure that is strengthened through morality and compulsory classifications of identities and desires, influencing in a similar way the bisexual experience and the non-monogamous experience.

Keywords: bisexuality; non-monogamy; normative monosexuality.

Resumen: A partir de las construcciones sobre la bisexualidad, respecto de cómo esta orientación sexual y/o romántica suele asociarse con valores y comportamientos vistos como negativos, especialmente su vínculo con la promiscuidad, las prácticas sexuales excesivas y la infidelidad, en este artículo buscamos desarrollar, desde una perspectiva teórica, y de manera preliminar, una articulación entre monosexualidad y monogamia, actuando ambas como norma reguladora de las relaciones y afectos en la época contemporánea. Para ello, optamos por una investigación cualitativa y exploratoria realizada en el marco de la teoría crítica y los estudios de género. Al final del camino de elaboración teórica, observamos la centralidad de una estructura monossexista y monógama que se fortalece a través de la moral y de clasificaciones obligatorias de identidades y deseos, influyendo de manera similar en la experiencia bisexual y la experiencia no monógama.

Palabras clave: bissexualidade; não monogamia; monossexualidade normativa.

1 Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). *E-mail:* alicesilvajor@gmail.com

2 Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). *E-mail:* kaippereis@gmail.com

3 Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (Pós-Com) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), coordenador do Observatório do Cinema e Audiovisual Capixaba (Ocac) na mesma instituição. Doutor em Comunicação e mestre em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF). *E-mail:* arthur.fiel@ufes.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 12/01/2024
Aceito em 06/06/2024

Falar é inventar a língua da travessia, projetar a voz numa viagem interestelar: traduzir nossa diferença para a linguagem da norma, enquanto continuamos a praticar em segredo um blá-blá-blá insólito que a lei não entende.
Paul Preciado (2020, p. 23)

1 Introdução

A bissexualidade é frequentemente associada a valores e a comportamentos que o imaginário social aponta como negativos (Eisner, 2013). A associação da bissexualidade com uma ideia de promiscuidade e práticas sexuais excessivas chama a nossa atenção. Observamos que, em estudos específicos sobre as práticas não monogâmicas, a bissexualidade, ou a preferência de pessoas bissexuais por esse tipo de arranjo, são apresentados como questões correlacionadas⁴ (Barra; Prates, 2017; Bornia Junior, 2021; Gustavson, 2009; Pilão, 2012). A fim de pensar e questionar tais relações, partimos das proposições de pessoas autoras, como Duggan (2002), Rebucini (2019) e Drucker (2018), que pensam de maneira crítica sobre a população LGBTQIAPN⁺, e as implicações sociais da busca por enquadrar as práticas homoafetivas em um padrão de normalidade. Assim, deparamo-nos com a busca pela normalização dentro da comunidade LGBTQIAPN+, que se apresenta como um constante desejo de se assemelhar às práticas comuns da heterossexualidade tomadas enquanto padrão de vida, saúde e bem-estar humano, como o ritual do casamento e a adoção de crianças para mimetizar um simulacro da sexualidade reprodutiva (Colling, 2018, p. 45-48).

A partir desse panorama referencial, este trabalho busca desenvolver, sob uma perspectiva teórica, e de forma preliminar, uma articulação entre a monossexualidade e a monogamia, ambas atuando como normas reguladoras dos relacionamentos e dos afetos na contemporaneidade, que formulam minorizações sociais acerca da bissexualidade e da não monogamia, que passam a ser o Outro dentro do sistema binário da diferença. O estudo aqui proposto é de natureza qualitativa e exploratória e se elabora a partir de referências alicerçadas nos estudos críticos e estudos de gênero – com ênfase no enquadramento da sexualidade.

Para além do entendimento de que a monogamia e a monossexualidade operam juntas como padrões preestabelecidos para as relações e os desejos, buscaremos apontar como a bissexualidade pode oferecer um arcabouço de enfrentamento que, articulado à não monogamia, amplia o campo de visão sobre o que define relações como válidas e reais.

4 Cumpro ressaltar que, apesar de neste trabalho estarmos centrados nas aproximações entre a bissexualidade e a não monogamia, isso não significa que, necessariamente, todas as pessoas bissexuais estão dispostas a manter relacionamentos dessa natureza e vice-versa.

5 A sigla “LGBTQIAPN+” é uma forma de se referir à comunidade de pessoas minorizadas por suas sexualidades e condições de gênero, significando: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binárias e mais identidades que desviam das normas do *status quo*. Utilizaremos dessa sigla para falar sobre o grupo, mas serão utilizadas outras denominações para essa comunidade, quando assim citada por outras pessoas autoras utilizadas como referência neste artigo.



2 Bissexualidade x monossexualidade: definições e apontamentos

Apesar de, ao longo da história, haver casos análogos ao que compreendemos atualmente como bissexualidade, a institucionalização dessa identidade se dá quando acontece a sua categorização. De acordo com Jaeger e demais autores (2019, p. 4), “ainda que existissem relatos dessas práticas ao longo do tempo e em grupos culturais distintos, a palavra bissexualidade começou a ser usada como uma classificação da sexualidade e como uma categoria identitária somente no século XX”.

Uma forma possível de identificar o que é a bissexualidade está usualmente compreendida na oposição à monossexualidade⁶, partindo do entendimento de que a identidade é construída a partir da afirmação da diferença, criando uma simbiose entre elas (Silva, 2000). Uma possível definição para o termo “bissexualidade” traz o sentido de formação de uma comunidade, como um termo guarda-chuva. “Este tipo de definição considera a bissexualidade como uma identidade comunitária. Isso marca uma identificação com comunidades e movimentos bissexuais, além de - ou separadamente do desejo bissexual”⁷ (Eisner, 2013, p. 25, tradução nossa), e, dessa forma, para Eisner (2013), o uso da bissexualidade como um termo guarda-chuva agrupa pessoas não monossexuais, como bissexuais, pansexuais, polisssexuais, sexualidades *queer* e fluidas, como um “*spectrum* bissexual” (Eisner, 2013, p. 25). Nesse sentido, o apontamento da bissexualidade enquanto um desvio da norma se dá por monossexuais terem tido o poder de definir identidades e diferenças, fazendo com que pudessem “demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’), classificar (‘bons e maus’; ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’); normalizar (‘nós somos normais; eles são anormais’)” (Silva, 2000, p. 81-82). Assim, os monossexuais tiveram o privilégio de se apresentar como exemplares de uma linguagem universal dentro do contexto de sexualidade, sendo entendidos como “sujeito”, cujo revés é o “outro” (Butler, 2013, p. 24).

Quando pensamos, então, juntamente a Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 75) e ao binômio “identidade-diferença”, é notória a importância do entendimento de “monossexismo”, conforme a perspectiva de Eisner (2013). Ao pensar em termos de monossexismo como uma estrutura, é possível entender que a presunção de que todas as pessoas são monossexuais atua no apagamento sistemático das pessoas bissexuais, mas também como uma forma violenta de limitar as experiências de todas as pessoas.

6 “Monossexualidade” diz respeito a pessoas que sentem atração romântica e/ou sexual por apenas um gênero, seja o gênero oposto ou igual ao seu próprio. De forma ampla, heterossexuais e homossexuais são identidades monossexuais. Enquanto a categoria “não monossexuais”, ou, ainda, “monodissidentes” (Monaco, 2021), engloba as identidades que motivam seus desejos e afetos para mais de um gênero, como, por exemplo, a bissexualidade e a pansexualidade.

7 “*This type of definition looks at bissexuality as a community identity. It marks an identification with bisexual communities and movements, in addition to — or separately from — bisexual desire*”.



Ao apresentar apenas duas opções para as pessoas – gays ou heterossexuais – muitas pessoas podem sentir-se presas à sua identidade ou orientação sexual. Isto aplica-se em particular às pessoas heterossexuais, que sofrem o duplo efeito do heterossexismo e do monossexismo. Muitas vezes, o reconhecimento dos desejos do mesmo sexo também inclui lidar com a perda de muitos privilégios concedidos na sociedade apenas a pessoas heterossexuais. [...] Quanto aos gays e lésbicas, reconhecer o desejo bissexual ou questionar sua monossexualidade pode resultar na rejeição de suas comunidades [...]. Considerando que a comunidade é muitas vezes a principal fonte de apoio na vida de lésbicas e gays, este tipo de perda pode ser tão doloroso, se não pior, do que se assumir pela primeira vez [...]. Além disso, e como extensão, muitos gays e lésbicas podem ter medo de ter de passar por um segundo processo de revelação, já que a primeira vez já foi difícil e dolorosa por si só⁸ (Eisner, 2013, p. 79-80, tradução nossa).

Esse apontado é importante de ser realizado, visto que, apesar de compreendermos e, em muitos momentos ao longo deste artigo, apontarmos a forma como as identidades monossexuais assumem privilégios que se constroem a partir da violência praticada contra bissexuais, entendemos que o monossexismo atua como regulador dos desejos e da experiência também de pessoas monossexuais.

Retomando a reflexão sobre as possíveis formas de definir a bissexualidade, recorremos a duas propostas de Shiri Eisner (2013) para definir a bissexualidade a partir do desejo: “mais de um” e “igual e diferente”. A primeira das definições é utilizada pela ativista bissexual Robyn Ochs, que declara a possibilidade de sentir atração, romântica e/ou sexual, por pessoas de mais de um gênero, “não necessariamente ao mesmo tempo, não necessariamente da mesma maneira, e não necessariamente no mesmo grau”⁹ (Ochs *apud* Eisner, 2013, p. 19, tradução nossa).

Sobre essa definição, Eisner (2013) aponta para seu potencial de tensionar o binarismo de gênero a partir do momento que a bissexualidade funciona com qualquer número de gêneros além de um. Dessa forma, não reforça o cissexismo, já que não enfatiza as genitálias das pessoas, e, ao validar diferentes formas de desejo romântico e/ou sexual, permite que as pessoas se sintam “autorizadas” para se definirem como bissexuais, pois, ao longo da vida, as experiências/desejos podem se modificar e isso não invalida a bissexualidade dos sujeitos.

Por fim, Eisner (2013) apresenta a bissexualidade como a atração por pessoas com gênero igual ou diferente ao seu, traçando um paralelo entre as definições de homossexual como a pessoa que se atrai por pessoas de mesmo gênero e de heterossexual como a pessoa que se atrai por

8 “By presenting only two options for people—gay or straight—many people might feel trapped inside their sexual identity or orientation. This applies in particular to heterosexual people, who suffer from the double effect of both heterosexism and monosexism. Very often, acknowledgment of one’s same-gender desires also includes dealing with the loss of many privileges only granted in society to heterosexual people. [...] As to gay and lesbian people, acknowledging bisexual desire or questioning their monosexuality might result in rejection from their gay or lesbian communities [...]. Considering that the community is often the main source of support in lesbians and gays’ lives, this kind of loss might be just as painful as, if not worse than, first coming out as lesbian or gay [...]. In addition and as an extension, many gays and lesbians might be fearful of having to go through a second coming-out process, as the first time was already difficult and painful in an of itself”.

9 “not necessarily in the same way, and not necessarily to the same degree”.



peessoas do gênero oposto. Sobre ela, a autora ressalta que, apesar de trazer à tona o tópico do gênero, as opções não são limitadas a duas categorias – homem/mulher: o conteúdo é aberto. “Essa definição questiona gentilmente as pessoas sobre suas próprias identidades de gênero e como seu próprio gênero está relacionado aos seus desejos em relação aos outros”¹⁰ (Eisner, 2013, p. 22, tradução nossa).

No escopo deste artigo, entenderemos a bissexualidade dentro dessa perspectiva, como uma orientação romântica/sexual que representa a possibilidade de uma multiplicidade afetiva/sexual independente do gênero do sujeito bissexual e da(s) pessoa(s) objeto de desejo. Conforme apresentado ao longo desta seção, a bissexualidade, quando posicionada para além das categorias “homem” e “mulher”, pode atuar como uma desestabilizadora dos papéis de gênero, gerando um tensionamento em todo o sistema sexo/gênero. Entretanto, entendemos que, apesar desse potencial latente, a ação subversiva da bissexualidade não se manifesta, na maioria dos casos, na figura individual das pessoas que se identificam com essa orientação romântica/sexual. O potencial de ruptura da bissexualidade se faz na configuração coletiva da comunidade bissexual, no conjunto das pessoas que a integram ao longo da história, nos significados que elas constroem como um grupo, e, a partir disso, na maneira como a sociedade interpreta e, sobretudo, incomoda-se com a bissexualidade.

3 A padronização e a normalização na comunidade LGBTQIAPN+

Com os avanços e as conquistas dos movimentos LGBTQIAPN+, pudemos observar uma certa ascensão para algumas identidades que integram a comunidade. Como exemplo, observa-se a presença de personagens *gays* brancos nos papéis centrais de séries de TV estadunidenses, fazendo parecer que essa única identidade é suficientemente representativa de toda a comunidade (Reis, 2022). Lisa Duggan (2002) apresenta o termo “nova homonormatividade” para definir uma política sexual referente às relações de pessoas com o mesmo gênero que foi produzida pelo neoliberalismo. A homonormatividade é uma política que não desafia as suposições e instituições heteronormativas¹¹ dominantes, mas as mantém, ao passo que promove uma cultura *gay* privatizada, despolitizada e embasada na domesticidade e no consumo (Duggan, 2002). Essa discussão ganhou destaque especialmente com as reivindicações relacionadas à aquisição de direitos civis para casais

10 “*this definition gently questions people about their own gender identities and how their own gender is related to their desires toward others*”.

11 “Refere-se às práticas e ideias que enquadram uma orientação heterossexual específica e institucionalizada como normal, tornando-a o ponto de referência em torno do qual todas as formas de sexo e intimidade são avaliadas. [...] A heteronormatividade naturaliza e eterniza formas cultural e historicamente específicas de sexualidade, enquadrando formas domésticas particulares e divisões de trabalho como produtos da natureza humana e como fundamentos necessários para uma sociedade humana saudável ao longo do tempo” (Sears, 2017, p. 172, tradução nossa).



do mesmo gênero.

Nesse sentido, Rebucini (2019, p. 118) argumenta que as reivindicações pelo casamento ou pela adoção “inscrevem-se numa nova fase histórica neoliberal de governo dos corpos e das sexualidades, pois reproduzem lógicas de expansão do mercado, de mercantilização, de consumo, de privatização e de responsabilização individual”. Há, então, uma tentativa de ser “um simulacro da sexualidade reprodutiva” (Colling, 2018, p. 47-48), almejando a validação do sujeito que constantemente o aponta como Outro. Com isso, é a partir de David Eng (2010) que Rebucini (2019) destaca o “liberalismo *queer*” como justamente essa estrutura que aceita, em alguma medida, as relações homoafetivas, desde que cumpram certos requisitos de normalidade:

[...] o reconhecimento político da sexualidade enquanto atividade relegada à vida privada constitui um privilégio cultural e ideológico. A intimidade doméstica e o casal monogâmico consumidor constituem, assim, a base de uma ‘boa cidadania’ sexual (ibid., p.25), que se inscreve perfeitamente nas lógicas do capitalismo neoliberal que a produz (Rebucini, 2019, p. 120).

Nesse contexto, de uma valorização da “normalidade”, Drucker (2018) apresenta os imperativos fundamentais de uma política sexual *queer* radical que podem ser identificados em oposição a cinco características basilares do que ele chama de “normalidade *gay* neoliberal”, conforme Fig. 1. Nota-se que os autores utilizam termos diferentes – “homonormatividade”, “liberalismo *queer*”, “normalidade *gay*” – para designar o mesmo tipo de padrão estabelecido para que as sexualidades homoafetivas possam ser entendidas como aceitáveis.

Figura 1 – Características da normalidade *gay* e da política sexual *queer* radical segundo Drucker (2018)

Normalidade <i>gay</i> neoliberal	Política sexual <i>queer</i> radical
Minorias gays/lésbicas estáveis	Embaralhar as fronteiras
Conformidade de gênero	Subversão de gênero
Exclusão de gênero e de outros <i>queers</i>	Inclusão <i>queer</i> /liberação trans
Homonacionalismo	Solidariedade global e anti-racista
Famílias homonormativas	Poliamor

Fonte: Drucker (2018, p. 210).

Chama-nos a atenção, inicialmente, a relação que pode ser construída entre a bissexualidade e dois dos paralelos que são apresentados pelo autor: conformidade x a subversão de gênero, e a



questão das famílias homonormativas x poliamor¹².

A conformidade ou o padrão de gênero também foram analisados por autores e autoras e que se voltam para as vivências bissexuais. Yoshino (2000) explica que há um interesse compartilhado entre a heterossexualidade e a homossexualidade no apagamento da bissexualidade. Ele descreve três maneiras pelas quais a bissexualidade ameaça essas estruturas: a estabilização da orientação sexual, a manutenção da primazia do gênero¹³ como categoria social e a preservação da monogamia.

O que há nessas categorias de normalidade *gay* liberal é um pequeno respiro que parece ser suficiente, mas que mantém a tentativa de alcançar o *establishment*, distante do intuito *queer* de subvertê-lo. A bissexualidade, assim como diferentes práticas que questionam o binarismo da diferença, só será livre de amarras quando for superada tal estrutura opressora, que, de certa forma, é reforçada com a tentativa de se adaptar ao sistema que não foi pensado para as dissidências. A subversão é um caminho árduo, já que os privilegiados “procuram insistentemente defender a sua estabilidade, naturalidade e permanência (nomeadamente através de representações nos media e de performances individuais e colectivas)” (Marques, 2017, p. 48). Assim, questionamos – e incitamos – essas estruturas para que, ao invés de se aproximar da aceitação, seja buscada a libertação.

Com isso, percebendo essa relação entre a bissexualidade em contraposição aos imperativos da normalidade, aprofundaremos, a seguir, a discussão sobre a manutenção dos padrões de gênero e sobre o desafio à monogamia.

4 A manutenção dos padrões binários de gênero e as orientações sexuais mononormativas

Na introdução de seu *Manifesto contrassexual* (2014), Preciado estabelece o heterocentrismo como a ligação compulsória de sexo e gênero através de performatividades normativas inscritas nos corpos como verdades biológicas, ou seja, aquele que nasce com um pênis é o homem viril provedor da casa, e aquela que nasce com vagina seria a mulher responsável pela manutenção da casa e do cuidado dos filhos.

A conformidade de gênero, no contexto apresentado por Drucker (2018), pode ser entendida como vivências de *gays*/lésbicas que, apesar da orientação sexual desviante, não rompem com o padrão de gênero, isto é, desempenham papéis dentro do que a sociedade espera para homens/

12 Apesar de o autor utilizar o termo “poliamor”, como apresentaremos adiante, aqui, estaremos utilizando o termo “não monogamia” para nos referirmos aos relacionamentos com múltiplos parceiros de forma ampla.

13 No original, o autor utiliza o termo “sexo”, substituímos todas por gênero nos momentos em que citamos indiretamente a obra, sendo a palavra “sexo” preservada na tradução das citações diretas.



mulheres. Nos termos do autor, ocorreu um processo entre a década de 1960 e 1990, uma mudança na forma como a economia neoliberal organiza a vida social, que causa essa transposição de uma vivência LGBTQIAPN+ que rompia com o gênero para a normalidade *gay*.

Drag queens que desempenharam um papel de liderança nos levantes dos anos 1960, descobriram a partir da década de 1970 que, enquanto em seu conjunto aumentava a tolerância à lésbicas e gays, a tolerância à não conformidade de gênero em muitos espaços lésbicos/gays diminuía. Com o declínio do fordismo exercendo pressão sobre os programas estatais, uma ênfase renovada na centralidade da família colocava um freio no afrouxamento das normas de gênero que caracterizou os anos 1960. Este giro conservador na sociedade foi acompanhado por um afastamento de homens gays da androginia e do *gender-bending* [transgressão de gênero] casual dos anos 1970 (Drucker, 2018, p. 205).

Drucker (2018) acredita que quanto mais a homossexualidade era vista socialmente como aceitável e mais os sujeitos *gays*/lésbicos deixaram de performar o gênero de forma não conforme, mais as pessoas trans eram isoladas na comunidade, “[...] uma disposição maior para aceitar a homossexualidade como não intrinsecamente patológica foi acompanhada de um foco mais acentuado na não conformidade de gênero, distinguindo e isolando pessoas trans de *gays*” (Drucker, 2018, p. 206).

Para Moschkovich (2020), a compreensão de matriz heterossexual desenvolvida por Butler (2008) pode ser definida como um conjunto de normas que atuam em três dimensões:

[...] a classificação genital dos corpos (em que opera a ficção do ‘sexo biológico’ como forma de naturalizar as relações que esse fenômeno produz), a construção de identidade e expressão de gênero (considerando também que a relação entre expressão e reconhecimento é parte constituinte da construção de identidade) e, por fim, a dimensão da orientação heteronormativa de desejos e práticas sexuais (havendo aí também a pressuposição de uma coincidência necessária entre desejo e prática). A matriz heterossexual prevê uma continuidade obrigatória, cisnormativa e heteronormativa entre essas três dimensões (Moschkovich, 2020, p. 121).

A partir da matriz heterossexual, Moschkovich (2019) busca demonstrar o potencial da bissexualidade em romper com as estruturas impostas pelo gênero. A respeito, especialmente, da terceira dimensão da matriz heterossexual, a autora aponta que, nessa estrutura, “só se admite estar em um polo e se opor/desejar/se atrair pelo outro. Sempre apenas um de cada vez” (Moschkovich, 2022, p. 48).

Gustavson (2009) identifica uma situação similar em um estudo realizado com mulheres bissexuais em relacionamentos com pessoas monossexuais. Ela nota que, apesar de a bissexualidade em si não definir exatamente o gênero do(a) parceiro(a), essa definição é evidenciada por outros sujeitos. Por mais que a pessoa bissexual em si não demonstrasse uma generificação dos seus objetos de desejo, a autora nota que a ansiedade da traição dos parceiros é sempre generificada – homem x mulher. “O desejo bissexual era basicamente visto pelos parceiros monossexuais como



uma necessidade que deveria ser satisfeita com dois objetos de desejo ontológicos generificados”¹⁴ (Gustavson, 2009, p. 421, tradução nossa).

Moschkovich (2019) entende que pessoas não binárias, travestis e pessoas bissexuais, em suas experiências com o gênero e com a sexualidade, conseguem, na recusa da mononormatividade, desestabilizar os três eixos da matriz heterossexual. Para essa norma, todas essas formas de expressão de gênero/sexualidade referem-se a uma impossibilidade que ignora as binariedades; “[...] são experiências que negam esse sistema como um todo por se basearem na simultaneidade que recusa os termos do jogo que as produziu” (Moschkovich, 2022, p. 56).

A reflexão a respeito de como opera a matriz heterossexual lança luz sobre a aparente dificuldade na aceitação de que o desejo bissexual seja válido e possível. Quando a norma define que a única possibilidade disponível é ser e sentir desejo sexual/romântico exclusivamente por uma das categorias disponíveis – homem ou mulher –, ela invalida a existência de pessoas que não se incluem em nenhuma dessas categorias ou que transitam entre elas, ao mesmo tempo que torna o desejo bissexual impossível.

A questão da manutenção do gênero como categoria social é abordada por Yoshino (2000) de forma similar à que Moschkovich (2019) trabalha com a matriz heterossexual. Como a bissexualidade é um tipo de desejo que não faz distinção pelo gênero dos(as) possíveis parceiros(as), as normas que estruturalmente organizam as orientações monossexuais não são aplicáveis à bissexualidade. Yoshino (2000, p. 416) argumenta que se as *performances* de gênero, na esfera do desejo, são realizadas buscando atingir o gênero oposto – no caso da heterossexualidade – e, nesse sentido, “ser ‘mulher’ é ser atraente para os homens, ser ‘homem’ é ser atraente para as mulheres”.

O autor acredita que a homossexualidade não altera de forma tão intensa essa norma quanto à bissexualidade. A atração pelo mesmo gênero não necessariamente subverte a maneira como o gênero e suas *performances* são encarados socialmente, muitas vezes apenas como uma inversão, ou seja, entender *gays* e *lésbicas* como heterossexuais invertidos: homens afeminados e mulheres masculinizadas (Eisner, 2013). Para Yoshino (2000, p. 416), essa inversão faz com que a homossexualidade seja reinserida no paradigma heterossexual, o que não é possível com a bissexualidade:

A lógica da inversão é insuficiente aqui para proteger as normas sexuais tradicionais da bissexualidade porque a bissexualidade não apenas inverte o desejo do sexo oposto, mas o complementa com o desejo pelo mesmo sexo. A bissexualidade, então, contesta o atual monopólio da heterossexualidade sobre o desempenho sexual de uma forma que a

14 “Bisexual desire was basically seen by the monosexual partners as a need that had to be satisfied with two ontological gendered objects of desire”.



homossexualidade não pode¹⁵ (Yoshino, 2000, p. 417, tradução nossa).

Quando Yoshino (2000) se refere a uma estabilidade das orientações monossexuais que se nota ameaçada pela validação da bissexualidade, o autor explica que, ao se considerar que a bissexualidade não existe, o desejo por pessoas do gênero oposto e o desejo por pessoas do mesmo gênero são vistos como mutuamente excludentes; a presença de um desses desejos nega a existência do outro. Em outros termos, apenas por demonstrar o desejo pelo gênero oposto, o sujeito prova a sua heterossexualidade, e o mesmo é aplicável para a comprovação da homossexualidade a partir do desejo pelo mesmo gênero. Quando a possibilidade de existência da bissexualidade se apresenta nesse cenário, a comprovação pela negação se torna uma impossibilidade. Nas palavras do autor:

Em um mundo que reconhece os bissexuais, um aspirante a heterossexual deve mostrar (1) que não é gay e (2) que não é bissexual. (Embora eu tome a heterossexualidade como meu exemplo, deve ficar claro que sua análise é igualmente aplicável à homossexualidade.) A primeira ele pode fazer mostrando desejo de sexo oposto. O segundo ele só pode fazer provando a ausência de desejo pelo mesmo sexo. Mas isso é impossível de fazer, pois é impossível provar um negativo. [...] A evidência do desejo do sexo oposto não responde à acusação de que alguém nutre o desejo pelo mesmo sexo, pois nenhuma atenção amorosa que um homem dê à sua esposa pode provar que ele não deseja homens em seu coração. A fim de salvaguardar um regime em que a 'hétero' (ou 'homossexualidade') pode ser provada, todos os monossexuais devem reprimir a existência bissexual¹⁶ (Yoshino, 2000, p. 401, tradução nossa).

A passagem nos remete ao discurso confessional que os desviantes do sistema heterocentrado precisam realizar sobre suas práticas de cunho privado a cada vez que se afirmam como tal (Foucault, 1988). Nesse cenário, Yoshino (2000) aponta que o interesse das identidades monossexuais na estabilização da orientação sexual está no fato de que esta os vincula a uma comunidade e ainda evita o esforço de questionar as suas próprias identidades.

Diante do entendimento da disrupção que a bissexualidade tem o potencial de provocar na estrutura heterossexista, partiremos para a discussão a respeito de como as vivências bissexuais podem se aglutinar com a ideia de romper com a monogamia enquanto norma para a construção das relações. Reforçando o adendo de que não necessariamente todas as pessoas bissexuais irão optar por manter relações não monogâmicas, destacamos que a não monogamia – para além de seu potencial político que discutiremos no tópico a seguir – pode sim ser uma forma de permitir uma

15 “The logic of inversion is insufficient here to protect traditional sex norms from bissexuality because bissexuality does not simply invert cross-sex desire, but rather supplements it with same-sex desire. Bissexuality, then, contests heterosexuality’s current monopoly on sex performance in away that homosexuality cannot”.

16 “In a world that recognizes bisexuals, a would-be heterosexual must show (1) that he is not gay and (2) that he is not bisexual. (While I take heterosexuality as my example, it should be clear that his analysis is equally applicable to homosexuality.) The first he can do by showing cross-sex desire. The second he can only do by proving the absence of same-sex desire. But this is impossible to do, as it is impossible to prove a negative. [...] Evidence of cross-sex desire is nonresponsive to the charge that one harbors same-sex desire, for no amount of loving attention that a man gives to his wife can prove that he does not lust in his heart for men. In order to safeguard a regime in which ‘straightness’ (or ‘gayness’) can be proved, all monossexuals must repress bisexual existence”.



experiência ampliada da sexualidade para as pessoas bissexuais que assim desejarem.

5 Famílias homonormativas, monogamia e bissexualidade

Eisner (2013) aponta que os significados que são constantemente associados à bissexualidade e às pessoas bissexuais dizem respeito, na verdade, aos valores e às ideologias que são estruturantes para a sociedade neoliberal. Assim, a bissexualidade é vista como algo que “a sociedade considera ameaçador à sua ordem normal. [...] a sociedade coloca a bissexualidade do lado da ansiedade, da ameaça e da subversão”¹⁷ (Eisner, 2013, p. 38-39, tradução nossa).

Entre os significados, destaca-se a crença de que pessoas bissexuais são inerentemente infiéis e/ou sempre dispostas às práticas sexuais consideradas excessivas, como o sexo em grupo. Para Eisner (2013), esse tipo de estereótipo demarca o medo que a sociedade tem da sexualidade – na qual o sexo é visto como algo ruim. A autora aponta que a presunção de que bissexuais são promíscuos vem de um entendimento monossexual de que a bissexualidade é um excesso: “a ideia de infidelidade inerente vem da crença de que os bissexuais são incapazes de serem satisfeitos com apenas um parceiro (já que, evidentemente, eles não podem ficar satisfeitos com apenas um gênero)”¹⁸ (Eisner, 2013, p. 34, tradução nossa).

O mesmo ponto de vista é apresentado por Yoshino (2000, p. 420, tradução nossa): “ser ‘bi’ é ser duplicado, ser ‘mono’ é ser um”. O autor faz uma provocação ao tentar reverter essa noção de que a monossexualidade seria o “todo”, o “completo”:

Em vez de denominar os monossexuais como um todo e o bissexual como um excesso, poderíamos denominar o bissexual como um todo e o monossexual como um fragmento. Vista sob esta luz, a falha pode ser vista não como o excesso do bissexual, mas sim como a falta do monossexual¹⁹ (Yoshino, 2000, p. 420, tradução nossa).

Como uma espécie de continuidade desse estereótipo, Eisner (2013) aponta para a associação da comunidade bi com vetores de doenças, que reforça, inclusive, a ideia de que as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são uma espécie de punição contra as pessoas que praticam o “mau sexo”.

A respeito dessa noção negativa sobre o sexo e a sexualidade, Gayle Rubin (2003) propõe, em “Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade”, um quadro conceitual para pensar o sexo, a sexualidade e as suas políticas. A autora questiona os valores sociais

17 “society finds threatening to its normal order. [...] society places bisexuality on the side of anxiety, threat, and subversion”.

18 “The idea of inherent unfaithfulness comes from the widely held belief that bisexuals are incapable of being satisfied with only one partner (since, evidently, they can’t be satisfied with only one gender)”.

19 “Rather than denominating the monosexuals whole and the bisexual as surfeit, we might denominate the bisexual as whole and the monosexual as fragment. Viewed in this light, the flaw might be seen not as the bisexual’s excess, but rather the monosexual’s lack”.



atribuídos à sexualidade, que definem o que é considerado aceitável ou inaceitável em termos de comportamento sexual: “[...] assim como o gênero, a sexualidade é política. É organizada em sistemas de poder, que recompensam e estimulam alguns indivíduos e atividades, enquanto punem e reprimem outros” (Rubin, 2003, p. 72).

Um dos pontos centrais do ensaio é o que a autora chama de negatividade do sexo. Segundo ela, de maneira geral, as culturas ocidentais tendem a enxergar o sexo como algo perigoso, destrutivo e negativo. Entretanto, é possível que ele seja visto como algo passível de redenção se for praticado dentro do casamento para fins reprodutivos e sem um enfoque excessivo no prazer, “o sexo é culpado até prova em contrário. Praticamente todo comportamento erótico é considerado mau, a menos que se estabeleça uma razão específica que o inocente. As desculpas mais aceitáveis são o casamento, a reprodução e o amor” (Rubin, 2003, p. 21).

Numa segunda via dessa noção de que a sexualidade bi pressupõe um excesso, nota-se em pesquisas (Barra; Prates, 2017; Bornia Junior, 2021; Gustavson, 2009; Pilão, 2012), seja sobre a bissexualidade ou sobre práticas não monogâmicas, uma aproximação entre os dois temas. Visto que não cabe no âmbito deste artigo um aprofundamento dessas vertentes/correntes, utilizaremos, também, de forma geral, o termo “não monogamia” para nos referirmos a arranjos de relacionamentos que envolvem a não exclusividade afetiva/sexual. Entre os teóricos e militantes da não monogamia, existem diversas classificações e disputas sobre termos a serem utilizados, discussões éticas e fundamentos para suas práticas. De acordo com Pilão (2022, p. 20), a partir da segunda metade da década de 2010, há uma “propensão ao reconhecimento de si e dos seus relacionamentos como ‘não-monogâmicos’” no lugar de outras determinações utilizadas nos períodos anteriores, como “poliamor” ou “relações livres”.

Ressaltamos que a compreensão de monogamia, no âmbito deste artigo, vai além de uma simples escolha de relacionamento. Conforme aponta Moschkovich (2019), a monogamia diz respeito a um conjunto de regras que controlam e regulam os relacionamentos e a sexualidade. “O sexo – e os relacionamentos como forma de regular socialmente as práticas sexuais – é, afinal, o que produz corpos, o material necessário à existência da força de trabalho, a mais básica mercadoria do sistema capitalista. Não à toa o capitalismo regula os corpos de tantas maneiras” (Moschkovich, 2019). Em outras palavras, o interesse na manutenção da monogamia – que é constantemente ameaçada pela bissexualidade – se encontra no risco às dinâmicas de organização e reprodução da vida.

Gustavson (2009) realizou entrevistas com 16 mulheres bissexuais entre os anos de 2000 e 2004, na Suécia. A autora aborda, especialmente, o contexto das relações íntimas desenvolvidas



pelas entrevistadas nos anos seguintes à aprovação de uma lei que permite uniões homoafetivas no país. “Nas entrevistas, a questão da não-monogamia foi frequentemente discutida, e oito das 16 mulheres entrevistadas estavam em um relacionamento aberto, ou gostariam de estar em um”²⁰ (Gustavson, 2009, p. 409, tradução nossa). Assim, as práticas da bissexualidade se enquadram como o “mau sexo” debatido por Gayle Rubin (2003), visto que não são heterossexuais e/ou são vinculadas com a infidelidade e a transmissão de ISTs, ou, em um cenário um pouco menos depreciativo, com a não monogamia, que, no senso comum, é vista como uma forma ilegítima de manter um relacionamento. Assim, conforme apontado por Jaeger e demais autores (2019, p. 112), “sob a lente de um regime de verdade monossexual, a sexualidade das pessoas bissexuais costuma ser erotizada, entendida como falsa e inexistente, ao mesmo tempo em que suas práticas e discursos são marginalizados, silenciados e excluídos”.

Nesse sentido, Lewis (2017) elabora a noção de “vicioso ciclo paradoxal”, no qual as pessoas bi estão imersas; uma dualidade entre o apagamento da sexualidade *versus* precisar demonstrar que não necessariamente pessoas bissexuais serão infiéis ou promíscuas. Segundo a autora, o ciclo vicioso e paradoxal funciona da seguinte maneira:

(1) se não insistem que sempre sentiram desejo por ‘ambos’ os gêneros desde a infância, não são reconhecidas como bissexuais; (2) porém, ao insistir nisso, são super-sexualizadas e chamadas de promíscuas; (3) se, para combater isso, insistem que são monogâmicas, são rotuladas de lésbicas ou heterossexuais, apagando novamente a bissexualidade, e (4) o ciclo vicioso e paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade recomeça (Lewis, 2017, p. 10-11).

Traçando um paralelo entre a forma como a bissexualidade é entendida socialmente, a partir dos estereótipos discutidos anteriormente, Eisner (2013) demonstra a centralidade de entender como a bissexualidade é vista como uma afronta à monogamia enquanto uma estrutura que regula as vidas dos sujeitos, “uma vez que bissexuais são vistos como promíscuos vetores de doenças, a existência bissexual torna-se uma ameaça à estrutura e à segurança da monogamia”²¹ (Eisner, 2013, p. 64, tradução nossa). Para ela, essa vinculação negativa “representa a ansiedade de ruptura da estrutura do casal romântico, como prática e como cultura que preside nossas vidas e, portanto, as controla”. Jaeger e demais autores (2019, p. 7) também notam a atuação de diversas estruturas sociais, especialmente na cultura ocidental permeada pelo colonialismo, que

[...] impõe um modo de ser e estar no mundo focado em mono temas, mono afetos, mono deus, mono sexualidades, mono gamias. [...] A segurança ontológica do amor cristão, por exemplo, é monogâmica. [...] Nesse sentido, o valor afetivo se constrói desde uma lógica de propriedade privada, adaptada a um certo ideal burguês, machista e cristão para o qual

20 “In the interviews the question of nonmonogamy was frequently discussed, and 8 of 16 of the interviewed women were in an open relationship, or wished they were in one”.

21 “since bisexuals are perceived as promiscuous vectors of disease, bisexual existence becomes a threat to the structure and the safety of monogamy”.



os únicos sujeitos dignos de afeto e cuidado são os ‘próximos’.

Yoshino (2000) coloca que o interesse das orientações monossexuais na deslegitimação da bissexualidade também se vincula à manutenção da monogamia. Para o autor, o interesse dos heterossexuais no apagamento bi tem relação com a associação da bissexualidade à transmissão de doenças. Já o interesse de *gays*/lésbicas estaria na possibilidade de assimilação das normas sociais que são aplicadas para os heterossexuais e, ainda, de fugir da associação que costuma ser feita especificamente entre *gays* e a promiscuidade. Assim, “a bissexualidade ameaça todos esses interesses porque os bissexuais costumam ser vistos como ‘intrinsecamente’ não-monogâmicos”²² (Yoshino, 2000, p. 363, tradução nossa).

Isso nos leva à compreensão de Foucault (1988), que aponta o sexo enquanto um assunto importante para a política do Estado ao lamentar certas práticas e, a partir de negociações das instituições estatais, modificar sua permissibilidade em nome de um domínio do povo. A proibição/invalidação de uniões entre mais de duas pessoas é a norma jurídica corrente, uma ação da biopolítica que se dá como forma de manter a normatividade da heterossexualidade – e de seu simulacro, mesmo que homossexual – dentro do Estado. Para isso, utiliza-se como pretexto básico a manutenção da “Ordem Pública” (Pérez Navarro, 2017), cara ao ambiente jurídico, que se mantém guiando decisões do Estado mesmo que sem um apontamento direto sobre o que seria tal ordem.

Ademais, Moschkovich (2022, p. 49) entende que a característica da simultaneidade presente na bissexualidade é entendida como uma impossibilidade, tanto na matriz heterossexual quanto na monogamia: “[...] a pessoa bissexual é uma impossibilidade, produzida e ativa na zona de sombra gerada por esses dois sistemas [...]. A bissexualidade se baseia numa simultaneidade e numa diversidade impossíveis em um sistema polarizado como a Matriz Heterossexual”. Nessa perspectiva, corroboramos com a argumentação da autora, e ressaltamos a forma como as características e as possibilidades apresentadas pela bissexualidade têm um potencial de questionamento e de enfrentamento à norma que dita com quem e como somos autorizados a nos relacionar.

6 Considerações finais

Ante às reflexões aqui propostas, a partir dos escritos acessados, reforçamos o potencial de entrecruzamento entre as demandas da bissexualidade e da não monogamia, como pautas que,

²² “Bisexuality threatens all of these interests because bisexuals are often perceived to be ‘intrinsically’ nonmonogamous”.



muitas vezes, perpassam a vida dos mesmos sujeitos que são afetados pela norma reguladora dos relacionamentos e dos afetos na contemporaneidade. Essa recusa à mononormatividade inquieta a matriz heterossexual e ajuda a abrir novas possibilidades para um futuro em que identidades e relacionamentos não estejam necessariamente submetidos às lógicas neoliberais. Temos, aqui, a revolta daqueles que foram apontados e criados pela norma e que, agora, recusam e questionam os rincões que foram colocados. Pode ser que as pessoas bissexuais em relacionamentos não monogâmicos não pensem sobre seu poder de contestação da ordem pública, mas é o que fazem na prática.

Salta-nos aos olhos a forma como ambos os grupos sociais, que podem ou não estar relacionados, são marcados pela minorização social de forma similar àqueles que buscam a manutenção da heterossexualidade monogâmica. Isso faz com que a bissexualidade e a não monogamia sejam instrumentos fundamentais para a contestação do sistema heterocentrado que se perpetua em nossa sociedade através do Estado, e sua biopolítica, apoiado por outros grupos sociais, como religiosos, a mídia e até mesmo a medicina. Vale lembrar que o campo da saúde apontava, em meio à época do ápice da epidemia de HIV/Aids nos anos 1980, aqueles que mantinham mais de um parceiro como pertencentes ao “grupo de risco” e que não teriam um “sexo seguro”. Formulações significativas que emulam valor, sobretudo a homens homo/bissexuais e a pessoas trans, que eram linha de frente na luta contra os efeitos do vírus (Eisner, 2013; Sedgwick, 2007).

Com isso, este trabalho aponta caminhos e percepções teóricas que podem direcionar estudos empíricos sobre a temática. Reiteramos, aqui, nosso compromisso com a pesquisa de identidades sexuais desviantes. A bissexualidade, por exemplo, é numericamente a maior identidade da comunidade LGBTQIAPN+, de acordo com dados do Movement Advancement Project (MAP, 2016), e mesmo assim aparece em poucos espaços de poder, como a academia e a mídia (Reis, 2022). Nesse viés, o presente artigo faz parte de uma pesquisa maior que norteia as inquietações acadêmicas das pessoas autoras, seja sobre não monogamia e/ou sexualidades investigando a sua aceitação na sociedade. Assim, com este estudo, buscamos destacar a centralidade de uma estrutura monossexista e monogâmica que faz uso de artifícios como a moralidade e as classificações compulsórias das identidades e dos desejos. Os aspectos citados tocam nas vigências não monogâmicas de forma similar às vivências bissexuais e, muitas vezes, de forma cruzada. Portanto, entendemos como fundamental o fortalecimento dos espaços acadêmicos e militantes, nos quais a articulação entre não monogamia e bissexualidade continua se desenvolvendo.



Referências

- BARRA, Marina; PRATES, Amanda. Poliamor: relações de gênero e as dinâmicas da sexualidade em uma sociedade predominantemente monogâmica e heterossexual. *Pretextos: revista da graduação em psicologia da PUC Minas*, v. 2, n. 4, p. 263-290, jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15258>. Acesso em: 29 mar. 2023.
- BORNIA JUNIOR, Dardo Lorenzo. Para além do assujeitamento: agenciamentos não-monogâmicos de uma mulher puta. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 16, n. 3, p. 12-23, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/36382>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- COLLING, Leandro. *Gênero e sexualidade na atualidade*. Salvador: UFBA, 2018. E-book. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430946/2/eBook_%20Genero_e_Sexualidade_na_Atualidade_UFBA.pdf. Acesso em: 19 dez. 2021.
- DRUCKER, Peter. A normalidade gay e a transformação queer. *Cadernos Cemarx*, Campinas, n. 10, p. 199-217, jan. 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10927>. Acesso em: 11 abr. 2023.
- DUGGAN, Lisa. The New Homonormativity: the sexual politics of neoliberalism. In: CASTRONOVO, Russ; NELSON, Dana D. (ed.). *Materializing democracy: toward a revitalized cultural politics*. Durham: Duke University Press, 2002. p. 175-194.
- EISNER, Shiri. *Bi: notes for a bisexual revolution*. New York: Seal Press, 2013.
- ENG, David. *The Feeling of Kinship: Queer Liberalism and the Racialization of Intimacy*. Durham: Duke University Press, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GUSTAVSON, Malena. Bisexuals in relationships: uncoupling intimacy from gender ontology. *Journal of Bisexuality*, London, v. 9, n. 3-4, p. 407-429, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299710903316653>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- JAEGER, Melissa Bittencourt; LONGHINI, Geni Nuñez; OLIVEIRA, João Manuel Calhau de; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. *Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos*, Lisboa, v. 2, n. 11, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/20150>. Acesso em: 29 ago. 2022.



LEWIS, Elizabeth Sara. O ciclo paradoxal de apagamento e supersexualização da bissexualidade nos movimentos LGBT: resistências em narrativas de ativistas bissexuais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 5., 2017, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA25_ID669_19062017235202.pdf. Acesso em: 29 ago. 2022.

MARQUES, António Manuel. Estudos da masculinidade e teoria feminista. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lúcia (org.). *Gêneros e Sexualidades: interseções e tangentes*. Lisboa: CIS-IUL, 2017. p. 39-54. Disponível em: https://www.academia.edu/32005809/Enviadescer_para_produzir_interseccionalidades. Acesso em: 26 dez. 2021.

MONACO, Helena Motta. “As pessoas precisam saber o que é bi”: visibilidade e movimentos bissexuais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12., 2021, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2021. p. 1-9. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611149000_ARQUIVO_c0283c33fcb7ab97e30145378426b060.pdf. Acesso em: 19 ago. 2022.

MOSCHKOVICH, Marília. Poliamor: desvio liberal ou resistência à família burguesa? *Blog da Boitempo*. São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/09/13/poliamor-desvio-liberal-ou-resistencia-a-familia-burguesa/>. Acesso em: 22 maio 2023.

MOSCHKOVICH, Marília. Notas para um Materialismo Bi-Alético. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 3, n. 10, p. 109-127, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11603>. Acesso em: 22 maio 2023.

MOSCHKOVICH, Marília. *Ebisteme: bissexualidade como epistemologia*. São Paulo: Linha a Linha, 2022.

MOVEMENT ADVANCEMENT PROJECT. Invisible majority: the disparities facing bisexual people and how to remedy them. *MAP*, Denver, sept. 2016. Disponível em: <https://www.lgbtmap.org/file/invisible-majority.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

PÉREZ NAVARRO, Pablo. Cisheteromonormatividade y Orden Público©. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lúcia (org.). *Gêneros e Sexualidades: interseções e tangentes*. Lisboa: CIS-IUL, 2017. p. 89-112. Disponível em: https://www.academia.edu/32005809/Enviadescer_para_produzir_interseccionalidades. Acesso em: 27 dez. 2021.

PILÃO, Antonio Cerdeira. Ativismos não-monogâmicos no Brasil contemporâneo: a controvérsia poliamor – relações livres. *Sexualidad, Salud y Sociedad: revista latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludSociedad/article/view/58157>. Acesso em: 16 jun. 2023.

PILÃO, Antonio Cerdeira. Poliamor e bissexualidade: idealizando desvios. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, 2012. *Anais* [...].



Águas de Lindóia: ANPOCS, 2012. p. 505-524. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt32-2/8221-poliamor-e-bissexualidade-idealizando-desvios>. Acesso em: 18 abr. 2023.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução: Maria Paula Gurgel Rodrigues. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Tradução: Eliana Aguiar. São Paulo: Zahar, 2020.

REBUCINI, Gianfranco. Marxismo queer: abordagens materialistas das identidades sexuais. *Crítica Marxista*, Campinas, v. 26, n. 48, p. 109-125, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19068>. Acesso em: 11 abr. 2023.

REIS, Kaippe Arnon Silva. *Do que dá pra rir, dá pra chorar: o padrão representacional das personagens LGBTAs dos sitcoms originais Netflix na década de 2010*. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/16348?mode=full>. Acesso em: 9 maio 2024.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 1-81, 2003. Disponível em: <https://especializacaoemgenero.com.br/textos/telma%20aula%203/RUBIN,Gayle.%20%20Pensando%20sobre%20Sexo.pdf>. Acesso em: 8 maio 2024.

SEARS, Alan. Anticapitalismo queer: o que restou da libertação lésbica e gay? *Crítica Marxista*, Campinas, v. 26, n. 49, p. 133-152, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19036>. Acesso em: 11 abr. 2023.

SEARS, Alan. Body politics: the social reproduction of sexualities. In: BHATTACHARYA, Tithi (ed.). *Social reproduction theory: remapping class, recentring oppression*. London: Pluto Press, 2017. p. 171-191.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

YOSHINO, Kenji. The epistemic contract of bisexual erasure. *Stanford Law Review*, Stanford, v. 52, p. 388-399, 2000.

